

Crônica da segunda-feira

CARLOS COQUEIJO

Antigamente — e esse antigamente para mim é coisa de dois decênios — não eram exibidos filmes de arte, geralmente europeus, nesta nossa cidade. “Não tem público” — diziam os distribuidores. E faziam cântico os exibidores. Umas poucas pessoas andavam informadas a respeito das películas premiadas no exterior, pelo seu valor artístico.

Uma delas era Walter da Silveira, então Juiz no interior e depois advogado nesta Capital. O Secretário de Educação, nos idos do governo democrático do Dr. Otávio Mangabeira, era Anísio Teixeira, um sábio Walter procurou essa ilustre homem público e convenceu-o a dar cobertura à instalação de um Clube de Cinema entre nós.

Foi assim que, na Secretaria de Educação, à Vitória, com máquina de trinta e cinco milímetros a ela pertencente, foi solenemente inaugurado o Clube de Cinema da Bahia, de que episódicamente vim a ser o primeiro presidente. Robatto Filho, outro pioneiro, assumiu a parte técnica das projeções.

Eu não entendia nada de cinema (hoje posso dizer: quase nada...). Walter, brilhante advogado que é, militava diariamente no fóro trabalhista, onde sou juiz. Interessados em arte, conversávamos sempre sobre muita coisa, e eu aprendendo com ele, como até hoje o faço, ao deleitar-me com o derrame generoso da sua cultura atualizada, em assuntos litero-artísticos. Daí nasceu uma amizade fraternal e a idéia que deu em Walter de me fazer presidente de um clube cuja finalidade eu não atentava bem.

A coisa pegou. O Clube chegou certa época a ter mais de um milhar de sócios. As sessões passaram a ser feitas em cinemas comerciais. As exhibições eram precedidas de verdadeiras aulas sobre cinema e crítica da película. Havia gente que reclamava, que dizia que não gostava, mas estava lá, firme, olhando o filme com outros olhos, e, mesmo sem querer, aprendia um pouco de cinema.

Graças ao Clube de Cinema — e portanto graças à tenacidade de Walter da Silveira — criou-se entre nós uma mentalidade receptiva aos filmes de arte.

Até hoje está ele à frente do movimento. Realizamos congressos, frequentamos outros em alguns Estados, surgiu uma crítica especializada e os primeiros cineastas baianos apareceram e formaram o que se convencionou chamar “a Escola Baiana de Cinema”, que desovou o maior talento do cinema brasileiro: Glauber Rocha. Tudo fruto da obra de Walter, a quem a Bahia deve tanto no sector e o cinema brasileiro também.

Não foi uma trajetória tranqüila a do Clube de Cinema. Walter discutiu e brigou muito. Fomos caluniados e até mesmo perseguidos. Enfrentamos duras paradas. Mas a obra está aí. Hoje, mais tranqüilo ao péso de meio século, Walter publicou um livro magnífico sobre cinema (“Fronteiras do Cinema”), tem outros em preparo e já é imortal, com justiça graças ao cinema. É verdade que ele foi poeta antigo, mas não quer saber dos seus versos. Assim arrazoados que são verdadeiras peças de cultura jurídica e literária. Mas foi no cinema que ele se afirmou. Não tanto como ator, pois o português de hoteleiro de “A Grande Feira” e o padre reacionário de “Pacador de Promessa”, que ele incarnou, não convenceram nem ao povo nem ao clero. Mas como sociólogo e crítico de cinema, sim. Jorge Amado diz, com muita propriedade, no prefácio do livro: “O nosso maior ensaísta de cinema? Não: o nosso único e verdadeiro ensaísta de cinema”.

Com a pujança da sua obra e um atestado dêsse, era de esperar que a Academia de Letras, interpretando os sentimentos de toda a Bahia intelectual, fizesse de Walter, como me disse Wilson Lins (também seu admirador), “um imortal de fita...”

Participarei, como extra, da grande e inesquecível seqüência da sua posse, aplaudindo-o devidamente. Com palmas de ouro.